

O Poeta, Jornalista e Cônsul Jaime de Séguier

Por MIRANDA DE ANDRADE



21.134.3-1 Seguler, Ja
ND

SEPARATA DA REVISTA 'OCIDENTE' — VOLUME LXXIV
— LISBOA, 1968

O Poeta, Jornalista e Cônsul Jaime de Séguier

Por MIRANDA DE ANDRADE

À Sr. Doutor Professor
Médico Gradado, ant. de Br.
Director da Biblioteca Pública
Municipal de Patosinhos,
afetuosamente oferece

Jaime de Séguier

Patos, Junho de
1958.



SEPARATA DA REVISTA 'OCIDENTE' - VOLUME MUNICIPAL DE BARCELOS
- LISBOA, 1968

Legado
Álvares Arezes L. Martins

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 60059
Barcelos

Na sua obra *'Um Coleccionador de Angústias'*, escreveu o grande mestre da História Literária, Fidelino de Figueiredo, estas palavras que muito interessadamente li e fixei: «Continuo a percorrer com respeito, mas em liberdade, o campo santo das modernas letras portuguesas. Aparto a maranha dos goivos e das perpétuas, e encontro mais alguns nomes ligados ao Brasil, porque receberam a honrosa consagração da sua Academia: um dramaturgo e novelista histórico, Lopes de Mendonça; três poetas, Alberto de Oliveira, o conde de Monsaraz e António Feijó; e um jornalista, Jaime de Séguier.» E um pouco mais adiante, referindo-se especialmente a este último escritor português, afirmou: «Ao jornalista de nome afrancesado, Sieuve de Séguier, não conheci nem li. Funcionário consular desde os 22 anos e escrevendo para a Imprensa do Brasil, andou sempre fora da minha órbita. Apenas recordo um modesto livro escolar, por ele assinado¹, e um dicionário enciclopédico, motivo de aceso pleito com a casa Larouse. Tanto pior para mim. A ignorância envergonha os ignorantes e não os ignorados.»

Pois era natural de Barcelos esse famoso plumitivo de jornais e de revistas, consagrado, na verdade, pela Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro, que o elegeu seu sócio em 1910, na vaga do conhecidíssimo geógrafo francês Eliseu Reclus. Foi ainda um cônsul português, de longa e brilhante carreira, esse grande jornalista que Fidelino de Figueiredo teve pena de não conhecer melhor, e suponho bem que ele lhe mereceria um apreço especial se lhe fosse dado deparar com o seu talento lírico na colectânea «Alegros e Adágios», que não pôde deixar de representar uma nota viva e original nas correntes poéticas do seu tempo, isto é, das últimas décadas do século XIX.

Este Barcelense, com tão distintos dotes de poeta, jornalista e diplomata, veio ao mundo no dia 26 de Março de 1860, chamando-se seus pais Carlos da Silva de Séguier, escrivão do Juízo de Direito, e D. Maria Casimira de Amorim Soares de Séguier, residentes na Rua Direita do velho burgo minhoto. Lê-se no assento de baptismo que foram seus avós paternos Dona Ana Emília da Silva, natural de Lisboa, e Manuel Joaquim da Silva Sieuve de Séguier, da Iha Terceira. Há, portanto, uma origem açoriana e, através desta, uma ascendência francesa, facilmente explicável pelo uso dos apelidos «Sieuve» e «Séguier», nome este que andou numa

¹ Referia-se Fidelino de Figueiredo a uma «História de Portugal», obra de carácter elementar.

família de altos magistrados franceses. Um dos seus membros, Pedro de Séguier, foi chanceler de França nos reinados de Luís XIII e Luís XIV e um dos fundadores da Academia Francesa. E por isto se pode desde já compreender a profunda e constante simpatia de Jaime de Séguier pela pátria dos seus ascendentes, a admiração que sempre lhe tributou, o conhecimento perfeito que tinha da sua literatura, da sua arte e da sua língua, os apelos constantes e decisivos do seu sangue que o levaram a viver uma grande parte da sua vida na doce terra de França, sobretudo em Bordéus e em Paris.

Mas, pelo lado materno, era bem barcelense o nosso escritor, porquanto seus avós, por essa banda, João de Amorim e Dona Maria Barbosa Soares de Brito, eram, como se diz no assento de baptismo, «desta mesma vila». E por lá se criou e cresceu o pequeno Jaime Bráulio, sob o formoso e esplendoroso sol do Minho, por entre as seculares pedras e torres do velho burgo condal, bem minhoto e bem português, com um rio de balada a sublinhar o encanto da autêntica iluminura medieval que é o Barcelos vindo das antigas eras...

Referindo-se aos seus juvenis anos, eis como um quinzenário barcelense do tempo se pronuncia: «Criança interessantíssima que a todos enlevava pela sua candura e meiguice, mais interessante se tornava à proporção que nele se ia desenvolvendo o seu notável talento, que mais tarde o havia de fazer salientar como literato e como funcionário».

Esmerada educação e esmerada instrução recebeu o jovem Séguier durante a sua infância e no decurso da sua adolescência, e, seguramente, uma invulgar precocidade de espírito e uma irresistível tendência para as letras, excepcionalmente acentuada, causaram surpresa e sensação entre as pessoas de sua família e das suas relações de amizade. Eis por que, em breve, deixa Barcelos a caminho de Lisboa, onde reside seu avô por afinidade, o grande jornalista da *Revolução de Setembro* e estadista António Rodrigues Sampaio, esposendense e seu padrinho de baptismo, que se tornaria um dos seus mais dedicados amigos e admiradores do seu belo talento.

À roda dos quinze ou dezasseis anos, surgem os primeiros artigos e os primeiros versos nos jornais e revistas da época, tornando-se o nome de Séguier conhecido pela sua colaboração no *Jornal da Noite*, e principalmente após a publicação, em 1875, do conto *O Revólver de Kleutgen* no brinde anual que o *Diário de Notícias* costumava oferecer aos seus assinantes. Quer em prosa quer em verso, vai-se tornando frequente a sua presença em revistas literárias e jornais do tempo, salientando-se, quanto a poesia, a longa composição *Musa Moderna*, saída, em 1877, na *Revista Literária*, do Porto, e consagrada a Guerra Junqueiro, «o maior poeta português», como afirma Séguier na dedicatória — o que significa iniludível admiração e apreço pelo autor de «A Morte de D. João». Até 1881, aparecem crónicas e críticas firmadas com

o seu nome em publicações como *Occidente* e *Diário de Portugal*, com uma profusão e um brilho que logo convenceram estar-se diante de um talento naturalmente fadado para o cultivo, intenso e extenso, do jornalismo literário. Guiomar Torrezão, escritora e redactora da revista lisboeta *Ribaltas e Gambiarras*, em rasgada homenagem a Jaime de Ségurier, que não tinha senão vinte e um anos de idade, afirmou na primeira página do número de 24 de Setembro de 1881, dessa mesma revista: «Jaime de Ségurier realizou o milagre de escrever crónicas diárias com um feitio profundamente parisiense, faiscantes de espírito e ao longo das quais voam, como um enxame loiro, as finas ironias, as estridentes risadas juvenis e as entusiásticas efusões de uma fantasia de artista, amando o belo e cantando-o, ora sob o aspecto radioso de uma estrela, ora sob a forma vaga de uma nuvem, ora sob a realização tangível de uma formosa mulher, de uma ideia que desabrocha harmoniosamente ou de uma visão que foge.» Para essa escritora, Ségurier revelou-se-lhe logo, como diz, «o loiro pagem da literatura portuguesa», mas um pagem que se tornou, de repente, castelão...

Dois êxitos teatrais contribuíram para aumentar e firmar o nome literário desse jovem de vinte e um anos, possuidor de abundante cabeleira doirada, uma vasta fronte de intelectual, luneta de míope e largo *plastron* emergindo de alto colarinho gomado, muito aberto, — todo o ar de um janota dos fins do século passado. Por 1880, representava-se no Porto, no Teatro Baquet, a ópera cómica «Os Dragões de Villars», cuja letra era de Corneon e Lockroy e cuja música era da autoria de Maillart. A peça fora traduzida pelo jornalista Borges de Avelar e por Jaime de Ségurier, e vinha obtendo, entre o público, largo sucesso, quando, na noite trágica de 20 de Março daquele ano, — após a sua representação, estando já em cena a revista espanhola «Gran Via», de Chueca e Valverde, sob a direcção musical de Ciríaco Cardoso —, deflagrou no Teatro o terrível e violentíssimo incêndio que tantas vítimas causou.

Um ano depois, em 1881, uma pequena peça de Ségurier, «O Desquite», apresenta-se no palco do Teatro de D. Maria, de Lisboa. Desempenham-na os actores Augusto Rosa e Pinto de Campos e a actriz Rosa Damasceno, todos artistas de primeira plana, que asseguraram êxito total à interessante comédia, que é uma feliz imitação, em verso, da peça de Paulo Ferrier, intitulada «Chez l'avocat». De enredo simples, o assunto gira à roda de um caso de tentativa de divórcio, de um «desquite» da esposa e do marido, — Elisa e Heitor, respectivamente —, que termina por um súbito congraçamento dos cônjuges desavindos. Passados cinco anos, esta mesma peça, tão entusiasticamente aplaudida, reaparece no mesmo Teatro para estreia de um grande actor portuense que chegou aos nossos dias: Ferreira da Silva. E — caso curioso! — foi o poeta Eugénio de Castro quem, na *Ilustração Portuguesa*, se referiu como crítico teatral à comédia de Ségurier e ao artista estreante. Escreveu ele: «O Desquite é um *lever de rideau*, fino

e galante, cheio dessas situações engenhosas e ao mesmo tempo de um desenlace fácil mas imprevisto, como é preciso neste género de comédias ligeiras». E aludindo ao novo actor, que fora seu contemporâneo em Coimbra: «Ferreira da Silva apresentou-se muito bem, dizendo fluentemente o verso, sem exageros nem descomedimentos de entoação. Tem uma bela figura, uma voz bem timbrada e uma distinção de maneiras, mais vulgar nos salões da nossa *élite* que nos palcos dos nossos teatros».

Os êxitos jornalísticos de Séguier somam-se dia após dia, e agora assumem especial retumbância com as cintilantes crónicas que envia para um jornal portuense, *A Folha Nova*, dirigido por Emídio de Oliveira, o célebre jornalista cujos artigos, subscritos por *Spada*, ainda li, com delícia, no *Jornal de Notícias*, há bons quarenta anos.

Séguier assina as suas crónicas com o pseudónimo de *Iriel*, de que largamente usou, e, segundo se lê na imprensa do tempo, as suas «Cartas de Lisboa» para aquele jornal do Porto eram transcritas pela maioria dos periódicos lisboetas, constituindo «a fina flor, o *ragoût* literário, a leitura predilecta de todos os delicados espíritos.»

Literariamente, Jaime de Séguier, sem perda da sua original personalidade, enfileira na corrente do Realismo e é, portanto, um adepto convicto dos processos literários modernos. Em poesia, o seu ídolo é Junqueiro; em prosa, o ídolo é Teixeira de Queirós, o realista da «Comédia no Campo» e da «Comédia Burguesa». Depois confessará que outros ídolos literários teve: Vítor Hugo, que foi, como ele disse, um entusiasmo da sua primeira mocidade, e Emílio Zola.

Ansiando possuir um curso para ter uma carreira, e seguramente para aumentar a sua cultura e apetrechar mais poderosamente o seu espírito, frequenta, em Lisboa, o Curso Superior de Letras. Não termina o curso e lança-se, afoitamente, e com o maior aprazimento, numa carreira que é do seu gosto e em que obterá os mais assinalados triunfos: a carreira consular. Tinha brilhantes exemplos de escritores contemporâneos a estimular-lhe o desejo da vida diplomática: Eça de Queirós, Batalha Reis, Venceslau de Moraes... E em 20 de Abril de 1882, com vinte e dois anos de idade apenas, Jaime de Séguier é nomeado cônsul de Portugal na cidade francesa de Bordéus.

Vida nova inicia Séguier, mas ela não o impede, por forma alguma, de continuar a consagrar-se inteiramente ao cultivo das Letras e do Jornalismo. E em Agosto do mesmo ano de 1882, escreve, em Bordéus, o prefácio da sua mais valiosa obra poética: «Alegros e Adágios», uma fantasia em redondilhas e alexandrinos, como declara, que surge à luz da publicidade daí a meses, em 1883, em edição duma casa de Lisboa. É constituído o livro por vinte e oito produções, seleccionadas pelo autor dentre quantas publicara desde 1876 a 1882, isto é, desde os dezasseis aos vinte e dois

anos. Com elas se revelou um poeta moderno, parnasiano, embora com algumas notas românticas, demonstrando possuir uma técnica do verso e um domínio da linguagem poética que não podem deixar de causar surpresa num espírito ainda tão jovem. Pela altura das ideias e pela beleza da forma, não devem esquecer-se as poesias *Musa Moderna*, a que já aludi, *Camões* (recitada no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, em sessão comemorativa do 3.º centenário da morte do nosso Épico) e *Sinfonia em Sol Maior*, título este que recorda imediatamente o duma composição de Teófilo Gautier, *Symphonie en blanc majeur*, a qual, no entanto, a não ser no título, não possui qualquer identidade formal ou de pensamento com a do nosso poeta. Todas ou quase todas as poesias de «Alegros e Adágios» são de alto interesse lírico, como aquelas que já tive ocasião de apreciar em desenvolvido artigo publicado na revista *Ocidente*, de Lisboa, em Abril de 1966, e como algumas outras que Vossas Excelências terão a oportunidade de ouvir dentro de momentos.

Inclui a colectânea de Séguier quatro poemas escritos em língua francesa: *A Mademoiselle Ermínia Borghi-Mamo*, *Vieille Chanson*, *Num livro de Daudet* e *Moqueuse*, todos de certa extensão, e devo confessar sinceramente que, ao lê-los, tive a ilusão de estar lendo e sentindo alguns dos bons poetas franceses do passado século, tal o elevado cunho lírico e tal o domínio do idioma francês que, surpreendentemente, se verifica.

Em meu entender, Jaime de Séguier, com o seu livro de versos, ficou pertencendo à segunda geração parnasiana, isto é, à geração de 1880, da qual fazem parte António Feijó, Luís de Magalhães, o conde de Monsaraz, Cristóvão Aires, Joaquim Araújo, António Fogaça, Paulino de Oliveira e outros.

Mas um acontecimento importante se dá, dentro em breve, na vida sentimental e particular de Jaime de Séguier. Quero referir-me ao seu casamento com Mademoiselle Ida Gruis, residente no Porto e filha de um negociante do mesmo apelido. O enlace, que atingiu foros de acontecimento sensacional na Cidade Invicta, realizou-se no templo da Lapa, no dia 26 de Março de 1884, e foi evocado, pouco depois, em crónica não menos sensacional, saída da pena do talentoso escritor Júlio César Machado, das relações de amizade do noivo. De tão curiosa crónica, escrita com tanto coração como inteligência, não resisto ao prazer de transcrever um ou outro passo que considero de maior interesse. Assim começa o grande folhetinista:

«Casou em 26 de Março, pelas onze horas da manhã, em pleno alvorecer da Primavera — Primavera do ano, que principiou no dia 21 desse mês; primavera da noiva, *mademoiselle* Gruis, que apenas saiu há dias da infância para a juventude, e primavera do noivo, que fazia nesse mesmo dia 24 anos —, o poeta Jaime de Séguier. Jaime de Séguier é neto do célebre publicista António Rodrigues Sampaio. É cônsul de Portugal em Bordéus, é autor do livro de versos «Alegros e Adágios», abundante em composições

graciosíssimas, e é um moço encantador. Hoje, é, quando muito, um encantador marido, se é que os homens, depois de casarem, ainda podem continuar com essas prerrogativas de encanto: questão que as leitoras, melhor do que eu, devem saber resolver. É um poeta, em todo o caso, verdadeiramente dotado da graça criadora e da permanente excitação cerebral dos poetas.»

E, depois de aludir à gentileza e simpatia dos poetas modernos em contraste com o que sucedia com os poetas antigos, sempre feios e mal parecidos, Júlio César Machado, mantendo no belo artigo o tom da graça e do espírito, põe em evidência a geral infelicidade dos grandes líricos passados e o seu desfavor junto das damas por quem se apaixonaram. Tal sucedeu com Dante, Petrarca, Tasso, Bernardim Ribeiro, Milton, Chatterton, Bocage, Byron... Houve, depois, uma reviravolta na atitude da sociedade. Mendes Leal, António de Serpa, Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas, todos poetas, foram ministros. Manuel Roussado, Jaime Batalha Reis, Eça de Queirós, Jaime de Séguier, todos cônsules, eram escritores e poetas... A uma valorização social, ao favor da opinião pública, correspondeu este facto impressionante: os poetas passaram a estar na moda. E, concluindo a sua excelente crónica, publicada em jornal do Porto com o título de «O casamento de um poeta», Júlio César Machado relata com bom humor:

«O casamento de Jaime de Séguier, actual cônsul, e não me atreveria a dizer ex-poeta, porque o seu espírito de excepção não lhe permitirá fàcilmente abdicar da poesia, — foi muito concorrido por amigos seus particulares, por pessoas da antiga amizade de seu avô, o velho jornalista ilustre, e pelas muitas relações do negociante Gruis.

Porque a noiva seja protestante, casaram em duas igrejas: na igreja da Lapa e na igreja dos Ingleses. De modo que, ao saírem da primeira igreja, estava casado o noivo. Mas a noiva não estava casada ainda. A situação era curiosa! O que valeu foi que durou meia hora apenas; as duas igrejas são próximas, e, tendo-se realizado o primeiro casamento às 11 e meia horas, ao meio dia estava realizado o segundo. Às 6 horas da tarde, os noivos, — contentes, felizes como todos lhes desejam que o sejam e como merecem ser, — partiam pelo caminho de ferro para Bordéus, onde vão residir.»

Fundado o seu lar nesta cidade francesa, Séguier vota-se, com o ardor da sua mocidade e do seu talento, às funções do seu cargo, em que se notabiliza pelo saber, competência e zelo, e ao trabalho intelectual, especialmente ao jornalismo, que foi a sua grande paixão. A partir de 1844, e durante alguns anos sucessivos, colabora na revista lisbonense *Ilustração*. Mas uma data é capital na sua brilhantíssima carreira de jornalista: é a de 1887, que marca o início da sua larga e longa colaboração no poderoso periódico fluminense *Jornal do Comércio*, uma actividade intelectual constante, que perdurará por mais de trinta anos. Nele publica numerosíssimas crónicas quinzenais, — totalizam muitas centenas —, sob o título de «Ver, ouvir e contar», ora assinadas com o seu próprio

nome, ora com o pseudónimo de *Iriel*. O objectivo de Séguier é o de informar os leitores brasileiros dos factos e acontecimentos mais salientes ou de certa importância ocorridos na capital francesa, que tenham interesse político, literário ou artístico. Por vezes, aflora outros assuntos: a ciência, a moda, a alimentação, a higiene, o hipnotismo, os exercícios físicos, o trabalho mental. Mas são, sobretudo, os da política da França, da literatura, da pintura, do teatro, da música, da vida dos grandes homens, dos grandes espíritos, que o autor prefere abordar, em *sueños* magníficos, nos seus admiráveis folhetins — imensos rodapés que ocupam a parte inferior de oito ou nove colunas de uma página do enorme jornal.

A maneira de tratar os assuntos é mais sintética, mais rápida, mais jornalística do que a de Eça de Queirós nas suas «Crónicas de Londres», para a *Actualidade* ou nos seus «Ecos de Paris» para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Mas, pelo tom e pelo estilo, como Séguier se aproxima de Eça nos seus tão curiosos folhetins! Acrescente-se ainda: pela graça e pela espontaneidade.

São, evidentemente, inúmeros os temas tratados em três décadas de crónicas quinzenalmente escritas. Reportando-me, porém, ao período restrito dos anos à volta de 1890, deparo com referências inteligentes e perspicazes a Afonso XIII íntimo, a Edison, aos amores de Beethoven, a Mozart, ao Rei Eduardo VII, à Praça da Concórdia, a Roosevelt e sua família, à Corte chinesa, ao escultor Rodin, à infância e à mocidade de Napoleão, ao espírito de Alexandre Dumas Filho, ao Kaiser, a Sara Bernhardt, à bela Otero, à questão Dreyfus, ao Czar Alexandre III, ao processo de Óscar Wilde, a Verlaine, à Orquestra Colonne, e a muitíssimos outros assuntos.

Duas crónicas mereceriam demorada menção se o tempo mo permitisse: uma, escrita em Outubro de 1895, acerca da visita do Rei D. Carlos a Paris; outra, publicada em Fevereiro de 1896, cuja parte final é ocupada com a descrição do assunto de dois pequenos filmes, — dos primeiros que se fizeram em França e no mundo, e foram exibidos em Paris, numa sala do bulevar des Capucines. Aí se encontra esta coisa espantosa: Jaime de Séguier a profetizar o aparecimento do cinema sonoro! Julgo que vale a pena ouvi-lo neste pequeno trecho: «Este aparelho maravilhoso (refere-se ao Animatógrafo) é a última palavra da Ilusão, obtida por meios científicos. Suponham-no agora combinado com o Fonógrafo e aplicado, por exemplo, à reprodução fotográfica de um grande orador no momento em que ele pronuncie um discurso decisivo. Daqui a dez, a cem, a mil anos, os contemporâneos de então poderão ver o orador a pronunciar esse discurso acompanhando-o com os gestos e as atitudes que realmente tomou e ouvir-lhe a voz, com as mínimas cambiantes de expressão, enfim assistir à ressurreição completa da cena ocorrida dez, cem, mil anos antes. Ah! Por que não estava inventado o Cinematógrafo no tempo de Cleópatra ou de Friné?»

CONSULADO

DE

Portugal

BORDEUS

Meu querido amigo,

Rue d'Alsace, 46.

Bordeus 25 Outubro 1885

Meu te e me to obrigado pelas tuas amavel
 veis palavras e palavras de affetto
 e de admiravel trabalhos que e'
 seu suavis que de teu exemplo, acare
 de Lully, de mais completo e de
 mais finalmente observado, e de
 bom grado ao dedej que me manifeste
 de o não comparem com o seu e a
 me glorificas, mas o sentimento de
 a não me leva e' o de se aliá de escape
 vel de me não desgostar absolutamente
 de meu.
 Eu muito pronto, como de natureza, nos
 encontramos. Mas o seu antigo eu e eu

reluctos a obra de Lully pela sua
 intenção philosophica e pel seu modo
 de ser. Eu circumscrito em gressis em
 absoluto a forma litteraria, e a sua
 exatidão de paraphrases em transcripto,
 Lully de seu ter de se findo parte
 deus, porque. T. e a de seu - politicamente
 ande elle pagou' um pouco, a meu ver,
 o seu antigo e' uma coisa e um boque.

Clinda mulher retira com todo
 a sua sympathia e cumprimento de
 de se desloca para seu p. e. tambem
 os meus respectos

de seu e de seu e de seu e de seu
 e de seu e de seu e de seu e de seu

Raymond de Lully

Não foi preciso que decorresse muito tempo. Trinta e tantos anos depois da data em que foi traçada esta crónica, que deveria com justiça ficar na História do Cinema, realizava-se a profecia de Séguier, feita com um sentido inventivo, à Júlio Verne, adquirindo a Sétima Arte a maravilha de uma voz que — quem sabe? — talvez ainda tivesse sido ouvida pelo grande jornalista que a vaticinou.

Uma crónica de Junho de 1895 tem o específico interesse de nos revelar Séguier como homem dotado de finíssima cultura e com verdadeiros dons de crítico literário. Dela, lerei apenas um excerto, em que o autor confessa uma das suas admirações literárias entre outras que teve e se chamavam: Maupassant, Loti, Rostand, Maeterlinck e d'Annunzio. Escreveu ele: «O sumptuoso poeta José Maria de Herédia foi recebido na Academia Francesa por François Coppée, o que deu lugar a uma sessão académica cheia de interesse. As duas personalidades que se encontravam no limiar do arqui-célebre recinto eram simpáticas a toda a gente; previa-se que os dois discursos sairiam dos moldes banais desse género de eloquência. O resultado não desiludiu a expectativa.

Curiosa individualidade, a deste José Maria de Herédia, espanhol e cubano de nascimento, naturalizado francês, cujo nome, desconhecido ainda hoje do grande público, era célebre já há trinta anos no cenáculo dos poetas, fanáticos da forma impecável, de rimas sonoras e ricas, de poesia impessoal e plástica, que a história literária deste século baptizou de Parnasianos.

S. Tomás de Aquino não previa decerto o autor dos *Troféus* quando dizia: *Timeo hominem unius libri*. O grande teólogo pensava naquele que lê com fruto um único livro e não no escritor que pôs a sua vida inteira em uma obra só. Entretanto, a frase é aplicável ao poeta académico e decerto Zola a murmurou, quando soube que o tinha como concorrente ao *fauteuil* de Mr. de Mazade. Com efeito, o único volume de Herédia (consta vagamente que ele escreveu também uma *História da Literatura Espanhola*, mas quem a leu jamais?) pesou mais na balança que os cinquenta grossos tomos dos «Rougon Macquart» e das restantes obras do romanista. Herédia foi eleito e Zola vê-se ainda reduzido ao triste papel de candidato cabeçudo e eternamente repellido.

Quando os «Troféus» apareceram, — continua Jaime de Séguier —, recorde-me de lhes ter falado do volume com a admiração deslumbrada que ele me causou. Desde então, a minha opinião não se modificou. Não existe em toda a literatura francesa, sem excluir mesmo os poemas exóticos de Vítor Hugo, ou as maravilhosas evocações antigas de Leconte de Lisle, uma colecção de versos mais esplêndida, mais rica, dando mais completamente a sensação plena e imutável da perfeição absoluta. Cada um dos sonetos que constituem o volume, é separadamente uma obra-prima, e juntos, como disse Coppée, formam uma composição da mais surpreendente harmonia. Alguns desses sonetos resumem em si um vasto panorama de história ou de lenda: assim, por exem-

plo, os *Conquistadores* ou *António e Cleópatra*. Essa concentração miraculosa faz supor um trabalho lento e paciente de execução. Assim, porém, não é, a acreditarmos o autor: «Consideram-me um cinzelador, — disse ele —, pois não emprego mais de três horas em escrever um soneto. Entretenho-me, porém, em estudar durante seis meses uma civilização, antes de fixar em catorze versos a emoção que dele se pode tirar literariamente.»

Mas o nosso Escritor não limitou a sua colaboração no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, à publicação dos seus famosos folhetins intitulados, como disse, «Ver, ouvir e contar», dos quais chegou a reunir um certo número, dando-os à estampa com o título de «Feira de Paris». Simultaneamente, enviava para o mesmo periódico brasileiro uma extensa *Crónica Estrangeira*, subscrita geralmente com o pseudónimo de *Alter Ego* e subintitulada «O Jornal dos Jornais», porque, na realidade, o seu autor fazia diversos respigos na imprensa francesa, inglesa ou alemã, que comentava a seu bel-prazer, com bom humor e bom senso, e sem que faltasse a nota alegre do riso, pois cada crónica findava sempre com uma saborosa anedota. Delas se depreende que Séguier era um espírito culto, um espírito informado dos mais recentes acontecimentos e das últimas novidades científicas, das quais sabia escolher as que maior interesse poderiam causar aos seus leitores brasileiros.

O relato e o comentário de acontecimentos artísticos, literários, sociais e políticos, verificados em Paris, e a que Jaime de Séguier dava a sua assistência pessoal, implicavam, evidentemente, a sua residência na capital francesa, o que se estranhará por ter de desempenhar funções consulares em Bordéus. Contudo, é de presumir que alguma autorização tivesse para viver grande parte do tempo em Paris, sem que por esse facto descurasse os assuntos do consulado, sendo, como realmente era, funcionário zeloso e competentíssimo. Ocorre-me uma situação semelhante: a de Eça de Queirós, cônsul de Portugal em Bristol, mas passando temporadas em Londres, donde remetia as suas crónicas e artigos para a imprensa brasileira e portuguesa. De resto, viver em Paris era o sonho doirado de muito escritor, e se esse escritor tivesse nas suas veias sangue gaulês, como era o caso de Séguier, mais facilmente se compreende o desejo que lhe devia encher a alma. Que extraordinário meio para um literato da sua estirpe! E que grande época a desse tempo, a chamada «Belle Époque», em que certa paz das nações, descobertas e invenções assombrosas, cultura variada, vida artística e social intensa, comunicabilidade humana, progresso evidente e constante, originavam uma alegria, um prazer de viver como as sociedades dos países europeus jamais puderam usufruir!

Era uma pena muito apreciada a de Séguier, o qual pertenceu a um período brilhantíssimo do jornalismo português, um período que se poderá classificar de áureo. E porque era uma pena muito apreciada, vemo-lo figurar como colaborador de revistas e jornais

portugueses do melhor nível intelectual, ao lado dos maiores escritores seus contemporâneos. Cito, por exemplo, o *Repórter*, de Lisboa, onde, a seu convite, escreveu também Eça de Queirós, que, nele, além de alguns artigos, iniciou a publicação, em folhetins, da «Correspondência de Fradique Mendes», que, depois, terminou na sua *Revista de Portugal*, cuja fundação e vida historiei em livro que especialmente lhe foi por mim consagrado. Citarei também *A Renascença*, revista dirigida por Joaquim de Araújo, que se publicou de 1894 a 1895 e se apresentou como o «órgão dos trabalhos da geração moderna», onde, além do nome de Séguier, surgiram os nomes já ilustres de Ramalho, Antero, Eça, Penha, Oliveira Martins, Gomes Leal, Teófilo, Monsaraz, Júlio César Machado, Gonçalves Crespo, Junqueiro, Fialho, Teixeira de Queirós, Cândido de Figueiredo, Simões Dias, Maria Amália Vaz de Carvalho, — todos nomes gloriosos que ainda se projectaram intelectualmente nos princípios do nosso século.

O poeta e o jornalista que existiam acentuadamente em Jaime de Séguier, não dominaram por completo o seu espírito, que demonstrou possuir flexibilidade bastante para se interessar pelos estudos económicos, especialmente os comerciais. São frequentes, na imprensa do tempo, as referências aos seus conhecimentos dessa natureza, aos seus bem elaborados e exactos relatórios, às suas sugestões e opiniões acerca das possibilidades ou dificuldades que respeitavam à exportação ou venda de determinados produtos comerciais, principalmente os vinhos portugueses. Numa «Crónica industrial, marítima e comercial», por exemplo, publicada num jornal francês do ano de 1891, faz-se alusão a um «notável relatório» do cônsul de Portugal em Bordéus, saído n' *O Economista*, de 1890, e aos estudos de tal funcionário que, como afirma o seu autor, «peuvent être citées comme des modèles d'exactitude et d'intelligence des faits». Daí, a confiança que ele merecia ao Governo Português, a ponto de este o ter enviado em missão especial ao Rio de Janeiro e a Buenos Aires (Agosto de 1890 a Janeiro de 1891), tendo-se demorado na Argentina o espaço de dois meses para fazer um consciencioso inquérito sobre as condições gerais do comércio vinícola nos mercados do Prata. O mesmo Governo por ele se fez representar na Conferência Internacional da União para a Protecção da Propriedade Industrial, efectuada em Bruxelas, em Dezembro de 1897. Dados os seus profundos conhecimentos de viticultura, também tomou parte, em 1900, no Congresso Vinícola Nacional.

Os seus contemporâneos barcelenses não esqueceram esta faceta prática da sua múltipla actividade e, por isso, num exemplar do quinzenário *A Lágrima*, de Agosto de 1900, lê-se que «a breve trecho, conseguiu tornar-se notável entre os outros cônsules, indispensável a sua opinião em assuntos vinícolas, a que, de preferência, se tem dedicado, destacando-se entre os que, há muitos anos, estudam a especialidade e sobre ela têm escrito.» Tudo isso

explica que tivesse sido nomeado, em 1902, Adido comercial à Legação Portuguesa de Paris.

De par e concomitantemente com os problemas pragmáticos inerentes ao seu cargo oficial, ia Jaime de Séguier lançando mãos a uma obra de largo fôlego, que lhe exigiu, sem dúvida alguma, os maiores esforços e prolongadas canseiras. Tratava-se de uma obra de carácter cultural, a primeira do seu género que se publicou em Portugal e no Brasil, para cuja concepção e realização encontrou um modelo numa obra francesa: o «Larousse Classique Illustré». É, de facto, um dicionário dessa espécie o seu «Dicionário Prático Ilustrado», a que deu o subtítulo de «Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro», elaborado durante anos sucessivos e publicado, em 1910, sob a sua direcção. Compreende a obra dois volumes e consta de três partes: *Língua Portuguesa, Locuções latinas e estrangeiras, História e Geografia*. O próprio autor afirmou, em «esclarecimento» dirigido aos leitores, que ela continha «o mais copioso vocabulário que até hoje se apresentou em dicionários desta natureza, abrangendo a língua, as letras, as ciências e as artes». Para tanto, não hesitou em abrir largo campo aos neologismos que já tinham entrado em todas as línguas cultas, em face dos constantes progressos das ciências, das artes e das indústrias. Fácilmente se imaginará o labor persistente e demorado de Séguier ao saber-se que o seu Dicionário insere mais de vinte mil artigos de história, biografia, geografia e mitologia, numerosas notícias bibliográficas relativas a obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira, monografias das mais célebres obras de arte, incontáveis referências a personalidades de relevo literário, social, etc. No tocante à ilustração da obra, enriqueceu-a sobremaneira com a inclusão de seis mil gravuras distribuídas pelo texto, mil retratos de individualidades notáveis, contemporâneas ou do passado, assim como grande número de quadros enciclopédicos e mapas geográficos.

Teve o autor perfeita consciência da utilidade e valia do seu trabalho e assim o declarou na parte final do seu já mencionado «esclarecimento»: «Julgamos inútil encarecer o valor educativo desta parte do nosso trabalho, bem como a largueza que presidiu à sua organização e de que resultou ser este dicionário o livro mais copiosamente ilustrado que se tem dado à publicidade tanto em Portugal como no Brasil.»

Porém, o seu aparecimento provocou imediatamente uma reclamação da casa Larousse, de Paris, e uma questão forense se arrastou por largos anos. Acabou por ter ganho de causa a Casa francesa e somente por acordo com ela se pôde fazer, em 1930, uma segunda edição do «Dicionário Prático Ilustrado», que se encontrava há muito esgotado. Em tanta estima foi tida a obra de Séguier e tantos serviços prestou que, actualizada como merecia ser, foi, de novo, reeditada, recentemente, por uma livraria do Porto.

O longo e consciencioso labor mental e a grande dedicação ao Brasil, — que Jaime de Séguier considerava «a sua segunda

pátria intelectual», como confessou, em certo momento da sua vida, numa carta enviada a um jornal da Baía —, justificaram perfeitamente a resolução que tomou a Academia Brasileira de Letras, de o eleger, em 1910, seu sócio para ocupar a vaga do geógrafo francês Eliseu Reclus, depois de Séguier ocupada pelo grande amigo de Portugal João do Rio, e, actualmente, pelo professor catedrático da Universidade de Lisboa, Doutor Rebelo Gonçalves, segundo informação que amavelmente me prestou o antigo embaixador do Brasil em Lisboa e distinto escritor Dr. Heitor Lira. Foi a consagração do homem de Letras, que derramou o seu brilhante talento e o seu saber, numa actividade de mais de trinta anos consecutivos, por livros e jornais portugueses e brasileiros; foi o reconhecimento de uma amizade sincera pelo grande país irmão — amizade indefectível de um espírito superior, nascida da simpatia e da admiração que sempre nutriu pelos valores e pelas virtualidades de uma jovem nação, em pletórico desenvolvimento.

Outro facto, nessa época, devia ter causado a maior satisfação ao nosso escritor e novel acadêmico: a sua nomeação para o cargo de cônsul em Paris, em Maio de 1911, e ainda a continuação do reconhecimento das suas excelentes aptidões de economista, pois foi também designado para exercer as funções de Conselheiro Comercial junto da Legação de Portugal na capital francesa. Outras aptidões lhe foram reconhecidas: as de inteligente negociador, e eis por que, alguns meses depois, parte para terras de Santa Cruz a fim de, por incumbência do Governo português, negociar, na cidade da Baía, um convénio internacional para a defesa e valorização do cacau. Este produto atravessava uma grave crise no mercado mundial, — provocada por certos especuladores de Hamburgo —, crise que afectava enormemente os produtores de S. Tomé e Príncipe, Brasil e Equador. Houve-se de maneira feliz o nosso representante, que participou activamente e sempre com papel de destaque nas reuniões efectuadas na Baía, tendo sido aprovado por unanimidade o seu projecto e louvada a sua acção como promotor do Congresso baiano.

A partir do ano de 1912, passa a ser instável a vida oficial de Jaime de Séguier: em Março desse ano, é colocado no Consulado de Roma, onde desempenha também o cargo de Conselheiro Comercial junto da Legação Portuguesa da mesma cidade; em Outubro de 1916, é gerente interino do Consulado de Londres; em Julho de 1917, é elevado a Cônsul Geral na capital inglesa; em Maio de 1919, é nomeado Cônsul Geral em Génova, onde deve ter recebido a grata notícia de ter sido louvado oficialmente pelo «zelo e competência» com que geriu o Consulado de Londres.

Contudo, medularmente jornalista, nunca interrompeu a sua colaboração nos jornais. E a sua gazeta predilecta é, foi sempre *O Jornal do Comércio*, do Rio, que assim lhe preenche aquelas funções catárticas a que, numa imagem realista mas engraçada, alude Eça de Queirós, ele mesmo muito necessitado de uma periódica purgação do seu espírito. Portanto, se está em Roma, manda

Séguier da Cidade Eterna para o citado jornal carioca óptimas e frequentes crónicas epigrafadas: *Das Margens do Tibre*; se está em Londres, faz outro tanto; simplesmente, as crónicas ostentam outro rótulo: *Das Margens do Tamisa*.

Como as crónicas parisienses, estas são redigidas com uma elegância, uma fluência, um brilho, que julgo invulgares nesse simples e ao mesmo tempo complexo género literário. Os temas são os da política, da literatura, da arte, mas agora há outro que os sobrepuja a todos: a Grande Guerra, a primeira, a de 14-18, cujos aspectos e marcha ocupam a sua atenção e, largamente, as colunas do grande diário fluminense. Os seus desenvolvidos comentários à agitada política internacional do tempo e a aguda inteligência das suas observações acerca da conduta da 1.^a Grande Guerra Mundial, tornam esses seus escritos verdadeiros documentos com interesse histórico.

Temos, pois, de incluir Jaime de Séguier no número dos grandes cronistas do seu tempo. Ele fez não só o registo consciencioso mas também a análise ponderada e justa dos factos ou acontecimentos que ocorreram em décadas sucessivas e mereciam, pela sua importância, que se debruçasse sobre eles com o bisturi de uma crítica serena. Foi testemunha ocular, presencial, de muitíssimos, e, por isso, esteve em condições de emitir com plena e esclarecida consciência os seus juízos, quer dos eventos quer dos homens seus contemporâneos. Exercendo uma crítica normativa, superior, entendia, seguramente, que o seu dever de jornalista era não apenas *relatar* mas também *julgar*.

Um facto vai marcar a fase final da carreira diplomática de Jaime de Séguier: a sua nomeação para o cargo de Cônsul Geral em Paris, em Outubro de 1926, coroando uma longuíssima actividade de funcionário — 44 anos! — que, intimamente, deveria sentir o prazer de relacionar a sua situação oficial com a do insigne autor de «A Cidade e as Serras», cônsul, como ele, na grandiosa capital do Ocidente. Meses depois, é promovido a Ministro Plenipotenciário de 2.^a classe, e, decorridos três anos, em Novembro de 1929, é colocado na disponibilidade. Tem ainda, seguramente, uma consoladora alegria: a de ser agraciado com o grau de Oficial da Legião de Honra, de França, do belo país que, sem dúvida, amou e onde viver constituiu um dos anelos da sua longa e operosa existência. Em 7 de Junho de 1932, expirava, em Paris, — sendo sepultado no cemitério do Père-Lachaise —, Jaime de Séguier, um dos mais curiosos espíritos portugueses que cintilaram no último quartel do século XIX e no primeiro daquele em que vivemos.

Eis, feito a largos traços, o esboço da rica personalidade de Jaime Bráulio Amorim Sieuve de Séguier, do homem ilustre que foi uma autêntica vocação de poeta, uma rara vocação de jornalista, uma notável vocação de diplomata, e que teve, no decurso da sua brilhante vida, — passada quase toda nas capitais do mundo civilizado —, a felicidade de as ver a todas plenamente realizadas.

Pela sua vida e pela sua obra, não merece tão distinto espírito ficar sepultado no imenso abismo do esquecimento, onde, muitas vezes, se sepultam injustamente poetas e escritores que nasceram para a eterna luz do sol e não para as tristes sombras das trevas, mesmo depois de mortos.

Oxalá que esta sessão seja o início da ressurreição de um nome e de uma obra, que jazem em olvido não merecido. Como fazer então ressurgir tal nome e tal obra? Para se fazer reviver Jaime de Ségurier e a sua obra, entendo que seria necessário fazer-se, pelo menos, o seguinte:

1.º) Uma reedição do seu livro de versos «Alegros e Adágios», — uma das mais interessantes obras da Poesia portuguesa, actualmente esgotada e, pode dizer-se, inexistente;

2.º) Uma edição dos seus contos e das suas melhores crónicas, principalmente as publicadas no diário brasileiro *Jornal do Comércio*, — crónicas magistrais e que assinalam um ponto alto do jornalismo português;

3.º) A erecção de um monumento à sua memória ou, para já, a aposição do seu nome numa rua ou largo da sua terra natal que tanto se desvanece em tê-lo por filho. Informaram-me de que o nome de Jaime de Ségurier figura, há muito, numa rua de cidade brasileira. Por que não há-de ele figurar numa rua da terra da sua naturalidade?

São estes os votos que, ao terminar, formulo sinceramente e com o superior objectivo de que se rememore com carácter de perenidade a figura de Jaime de Ségurier, criador de poesia, mestre de jornalismo, cronista de invulgar talento, brilhante diplomata e exemplo significativo de sincera amizade luso-brasileira, — amizade que também me parece dever ser uma das constantes do nosso futuro como Nação e a garantia de uma Comunidade de Língua Portuguesa.

Conferência proferida na Assembleia Barcelense, em 4-6-1966, e na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, em 14-6-1967.



biblioteca
municipal
barcelos



60059

O poeta, jornalista e consul
Jairne de Sequier